

para os outros, deixando a outros o cuidado de buscarem — baterem — e pedirem por nós.

II

Motivo da nossa iniciativa em matérias religiosas.. A fé cega.

Para os que têm o consolo de crêr em Deus e na imortalidade do Espírito, a salvação da alma é o que há de maior monta — a única coisa verdadeiramente importante.

E, se nos assuntos transitórios, como podemos chamar os que se referem ao nosso bem estar puramente temporal, não nos confiamos a mãos estranhas e queremos intervir e assegurar-nos por nós mesmos da sua gestão e resultados, não é censurável, antes é de justiça, de prudência e de razão que, tratando-se do estado ulterior das almas, que nos tem sido apresentado como definitivo, procuremos adquirir diretamente a necessária certeza, quando nô-la possa dar a luz da nossa razão.

Bom é que cada um desconfie prudentemente de si próprio e renda á autoridade dos doutores da igreja a homenagem de respeito que merecem nas questões religiosas; mas, daí á abdicação completa do critério individual, vai enorme distância.

Bom é, nas excursões científicas, seguir as pégadas dos sábios; nunca, porém, com uma venda nos olhos, pois o cego não pôde compreender a beleza dos fenômenos

que o seu guia lhe descreve, nem evitar o abismo em que um e outro podem precipitar-se, pelas distrações e abstrações daquele.

Queremos salvar-nos, e a salvação parece-nos arriscada quando a alma cerra os olhos para procurá-la. Por isso, procuramos abrí-los, seguros de que a religião e a moral verdadeiras nada podem temer da ciência; temos pedido á ciência: a verdade da moral e da religião em que nos educaram, a confirmação do catolicismo romano, da igreja em que se formaram as nossas crenças.

Obedecia esta conduta ao desejo de encontrar motivos para combater os fundamentos religiosos que nos legaram nossos pais? Não, certamente. Tínhamos tido momentos de dúvida, de incerteza, de ansiedade, relativas á questão capital do destino ulterior do homem, momentos que, bem a nosso pesar, se reproduziam e nos fustigavam frequentemente; e, como a fé cega não bastava para tranquilisar-nos, corrêmos a buscar armas com que robustecêssemos a nossa fé e fizessemos face aos assaltos da dúvida (1).

É mui cômodo dizer *crede*; é sumamente difícil crêr o que a razão não aceita.

Em vão se esforçarão os médicos por persuadir ao enfermo que a sua saúde melhora, se êste cada dia se sentir mais debilitado e abatido.

Que se diga *crê* ao mesmo tempo que se recomende o estudo das crenças impostas, isto sim, compreende-se; mas, impôr a fé e negar o direito de lhe procurar os

(1) Mateus, cap. VII, vers. 7.

fundamentos, é motivo suficiente para se suspeitar da própria vontade.

Dizei a um homem, no pleno gôso dos seus sentidos, que cerre os olhos para sempre, sob promessa de que outros se encarregarão de vêr por êle e de guiá-lo — e êle zombará da vossa singular proposta.

E querer-se que a gente, no perfeito gôso de sua razão, renuncie completamente a seu uso e a abdique, precisamente no que há de mais transcendental, para deixar-se levar pela razão de outrem!

Ameaçais a alma com uma pena sem apelação e com uma sorte definitiva após a vida corporal; deixai, pois, que as nossas almas meditem profundamente sôbre os seus passos e estudem a sua missão e deveres com toda a luz possível, afim de não se extraviarem nos desvios da vida.

Quem não faz isto, se confessa néscio ou imprudente e temerário.

III

O nosso racionalismo. Erro dos que pretendem perpetuar a infância da humanidade.

Já nos parece ouvir a palavra *racionalistas*, lançada em tom de anátema sôbre nós, que ousamos lembrar que é a razão o atributo distintivo da natureza humana — atributo que não pôde o homem ter recebido da Divindade sem um fim: sem o dever de desenvolver-lo e de servir-se dêle para os atos que dependem da liberdade individual.

O que seria a liberdade humana, o livre arbítrio, sem o jôgo da razão e sem a luz do entendimento?

Como poderia a consciência ser responsável por suas faltas e a vontade por suas determinações, faltando ao homem o farol que esclarece a primeira e guia a segunda?

E se, possuindo essa luz, o homem procura apagá-la ou cerra os olhos para não servir-se dela, como procederá com liberdade?

Pôde ter Deus posto na substância racional algo que coarte a sua atividade e a condene a um estado embrionário ou ao quietismo e á inércia, a respeito das verdades eternas, religiosas?

Pôde o Supremo-Arquiteto ter querido, em suas relações com a creatura, e da parte desta, a correspondência humilhante do escravo a um culto automático, sem inteligência e sentimento, ou a homenagem que nasce do reconhecimento e da admiração?

Racionalistas! Se com esta palavra se pretendesse designar os que levantam em sua alma altares á razão, para divinisé-la, considerando-a como a única lei das ações humanas, a repeliríamos com toda a energia; pois bem compreendemos que as faculdades do homem são progressivas, consequentemente limitadas e limitado o círculo da sua atividade e a esfera do seu poder.

Tão pouco somos racionalistas no sentido de negar toda a autoridade. Admitimos, de bom grado e com veneração, a autoridade que emana direta ou indiretamente de Deus e a de todos os que têm tomado a dianteira nos caminhos difíceis da ciência, enquanto as suas afirmações se conformam com as leis do bom senso.

Mas, se ser racionalista consiste em empregar prudentemente a razão, até onde chegam os raios mais ou